

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O problema da causalidade social do mal-estar psíquico em estudos sociológicos clássicos e contemporâneos

Elton Corbanezi

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17479>

Submetido em: 2026-08-17

Postado em: 2026-08-21 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O PROBLEMA DA CAUSALIDADE SOCIAL DO MAL-ESTAR PSÍQUICO EM ESTUDOS SOCIOLÓGICOS CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS

AUTOR: Elton Corbanezi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2802-7259>.

<elton.corbanezi@ufmt.br>

Departamento de Sociologia e Ciência Política e Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFMT. Cuiabá, Mato Grosso (MT), Brasil.

RESUMO:

Neste paper, apresentamos parte de nossa pesquisa em curso sobre o problema da causalidade social do sofrimento psíquico, focando como a questão aparece em estudos sociológicos clássicos e contemporâneos. Entre os clássicos, destaca-se o estudo de Durkheim sobre a causa social do suicídio com base no grau de integração do indivíduo na sociedade. Também relevante sobre o tema é a tradução de Peuchet realizada por Marx, em que a visão marxiana reduz igualmente o suicídio à causa social, ainda que o princípio explicativo seja diferente. Sem renunciar à relação de causalidade social, Simmel argumenta que a vida na metrópole provoca a intensificação da vida nervosa e o esgotamento das energias individuais. Mauss, por sua vez, apresenta uma visão nuançada sobre a relação causal entre emoções e sociedade: para o autor, a sociedade não causa uma determinada emoção, mas exige sua manifestação como uma linguagem conforme valores, regras e contextos sociais. Tais abordagens clássicas influenciam parte das contemporâneas sobre o tema da saúde mental, as quais podem ser divididas em análises normativas e descritivas. As normativas tendem a explicar o fenômeno da saúde mental a partir da redução causal segundo a qual a forma de sociedade provoca o sofrimento psíquico. A descritiva, por sua vez, tende a se inspirar na análise de Mauss, argumentando que as manifestações da saúde mental operam como uma linguagem conforme contexto e valores sociais. Visamos mostrar o desdobramento das discussões clássicas em análises contemporâneas sobre o tema e evidenciar as diferentes perspectivas em disputa.

Palavras-chave: causalidade social, saúde mental, sofrimento psíquico, sociologia.

THE PROBLEM OF THE SOCIAL CAUSES OF PSYCHOLOGICAL DISTRESS IN CLASSICAL AND CONTEMPORARY SOCIOLOGICAL STUDIES

ABSTRACT:

In this paper, we present part of our ongoing research into the problem of the social causes of psychic suffering, focusing on how this issue is addressed in both classical and contemporary sociological studies. Among the classics, we highlight Durkheim's study on the social causes of suicide, based on the degree to which the individual is integrated into society. Also relevant to this topic is Marx's translation of Peuchet, in which the Marxist perspective likewise reduces suicide to social causes, albeit with a different explanatory principle. Without renouncing the notion of social causality, Simmel argues that life in the metropolis leads to an intensification of nervous tension and the depletion of individual energy. Mauss, for his part, presents a nuanced view of the causal relationship between emotions and society: for him, society does not cause a particular emotion, but demands that it be expressed in a manner consistent with social values, rules and contexts. Such classical approaches influence some of the contemporary approaches to the subject of mental health, which can be divided into normative and descriptive analyses. Normative analyses tend to explain the phenomenon of mental health on the basis of a causal reductionism, according to which the structure of society causes psychic suffering. Descriptive analyses, on the other hand, tend to draw on Mauss's analysis, arguing that manifestations of mental health function as a language shaped by social context and values. We aim to demonstrate how classical discussions have expanded into contemporary analyses of the subject and to highlight the different perspectives currently in dispute.

Keywords: social causality, mental health, psychic suffering, sociology.

INTRODUÇÃO

Este trabalho decorre de nosso interesse teórico no debate contemporâneo sobre a saúde mental. Mais precisamente, ele se apresenta como um desdobramento de nossa pesquisa de pós-doutorado, na qual buscamos estudar o conceito de precariedade subjetiva como princípio explicativo da alta incidência das formas paradigmáticas de sofrimento psíquico na atualidade, tais como depressão, síndrome de burnout, ansiedade, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, entre outros (Corbanezi, 2024).

Durante o pós-doutorado, realizamos estágio de pesquisa no Centre de recherche médecine, sciences, santé, santé mentale, société (Cermes3, CNRS), sob a supervisão de Alain Ehrenberg, que é uma referência no campo da sociologia da saúde mental. A realização da pesquisa sob a supervisão de Ehrenberg levou à presente indagação sobre a causalidade social do sofrimento psíquico em abordagens sociológicas contemporâneas, considerando especialmente a dissonância da pesquisa de Ehrenberg a esse respeito, ainda que o autor seja frequentemente mobilizado para sustentar a tese de que a sociedade capitalista contemporânea causa o sofrimento psíquico.

Neste paper, que em parte se baseia em nossa recente publicação sobre o tema (Corbanezi, 2026), procuramos evidenciar tal debate mostrando inicialmente como a questão pode aparecer em uma fração de estudos sociológicos clássicos. Em seguida, procuramos apresentar o modo pelo qual tal debate se desdobra em abordagens contemporâneas, considerando a diferença da análise da própria sociologia da saúde mental de Ehrenberg.

1. A VIDA PSÍQUICA EM ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS CLÁSSICAS

O problema da saúde mental adquiriu relevância significativa nos últimos cinquenta anos. Diversos motivos concorrem para essa ascensão social do tema da saúde mental. Entre eles, pode-se destacar: a enunciação oficial e midiática de uma epidemia dos transtornos mentais, e da depressão em particular, desde os anos 1970, intensificando-se por volta dos anos 2000 (Angell, 2011; Caponi, 2010; Ehrenberg, 1998; Horwitz e Wakefield, 2010; Whitaker, 2017); a transformação paradigmática na concepção dos transtornos mentais pela psiquiatria com a publicação do DSM-III (APA, 1980); o avanço da neoliberalização em países capitalistas ocidentais e seus respectivos processos de subjetivação (Dardot, Laval,

2016); a transformação do conceito de saúde mental e sua abrangência que envolve tanto a normalidade quanto a patologia, isto é, o bem-estar e o sofrimento psíquico em consonância com o imaginário social (Corbanezi, 2021); e a pandemia de Covid-19, que aumentou significativamente a atenção ao assunto nos anos 2020 (Corbanezi, 2023). Não obstante esse aumento da atenção social ao tema contemporâneo da saúde mental, pode-se dizer que a questão do mal-estar psíquico e das emoções aparece no debate sociológico desde o surgimento dessa ciência moderna e de referências clássicas da área. É o caso das análises de Durkheim ([1897] 2000), Marx ([1846] 2006), Simmel ([1903] 2005) e Mauss ([1921] 1969). Ainda que esse recorte não esgote outras análises clássicas que podem abordar direta ou indiretamente o assunto, ele nos permite mostrar como o tema pode emergir nelas.

Como se sabe, em seu estudo clássico sobre o suicídio, Durkheim ambiciona mostrar a necessidade e a viabilidade da sociologia como ciência moderna. Para tanto, o autor elege como objeto o suicídio, que até então era entendido como objeto da psicologia. A questão central do estudo de Durkheim reside em explicar de que forma o equilíbrio da integração social impacta a qualidade de vida psicológica dos indivíduos. Dessa questão decorre sua conhecida tipificação do suicídio: egoísta (desintegração social do indivíduo), altruísta (integração excessiva), anômico (ausência de regras de integração social) e fatalista (excesso de regulação social, tipo menos relevante ao qual Durkheim (2000, p. 353, nota 29) dedica apenas uma nota de rodapé). Não é o caso de analisar detidamente aqui as tipificações a partir dos dados analisados por Durkheim, os quais são atualmente também contestados de forma polêmica (Stoczkowski, 2019). Ainda que a linguagem contemporânea da saúde mental não existisse no contexto da sociologia durkheimiana, podemos dizer que seu estudo sobre o suicídio revela de forma indireta o que hoje caracteriza parte do debate contemporâneo sobre o tema, a saber, a ideia de que a saúde mental se define pela qualidade da socialização e dos laços sociais. Vale notar que tal concepção orienta também a própria definição psiquiátrica contemporânea de transtorno mental: em razão da ausência de marcadores biológicos suficientes, os transtornos (*disorder*) se definem pela incapacidade ou sofrimento que se manifestam mediante o funcionamento do indivíduo em sua vida também social (APA, 2013). Desse ponto de vista, o entendimento da ordem social (*social order*) é fundamental para a compreensão do transtorno mental (*mental disorder*), ainda que os manuais psiquiátricos da Associação Psiquiátrica Americana não evidenciem tal correlação, tampouco definam a ordem social no interior da qual emergem os transtornos mentais. Em suma, ao abordar o suicídio como fato social, Durkheim sustenta que um fenômeno associado ao sofrimento psicológico deveria ser explicado sociologicamente com base na coesão como causa social.

Outra análise sobre o suicídio que figura entre os autores clássicos e canônicos da sociologia reside na tradução para a língua alemã que Marx (2006) realiza do memorial de Jacques Peuchet, um arquivista de polícia da Prefeitura de Paris que relata casos de suicídio sob sua diligência. Marx não apenas traduz o memorial como seleciona, comenta e edita os casos de suicídio relatados por Peuchet. Entre os quatro casos do relato selecionados por Marx, três são de mulheres e duas delas são de família burguesa. Não é nosso interesse aqui reproduzir e descrever os casos em análise no texto que pode ser lido, conforme Löwy (2006, p. 9), como uma espécie de colaboração em coautoria entre Peuchet e Marx. De todo modo, uma das teses fundamentais que emerge dessa edição de Marx é que o sofrimento psicológico individual na sociedade capitalista burguesa não se restringe à dominação da classe trabalhadora submetida à exploração socioeconômica. Se, por um lado, é verdade que a evidenciação da opressão e da ideia de propriedade privada a que a mulher está submetida na relação conjugal patenteiam interesses recorrentes em Marx, por outro, o suicídio aparece no texto como desfecho individual trágico da dominação de gênero no interior da família burguesa, o que torna singular tal publicação na produção intelectual de Marx. Dessa forma, o suicídio, enquanto índice de sofrimento psíquico, resultaria de formas de opressão social. Para o nosso interesse específico, portanto, convém destacar que tanto Durkheim quanto Marx concebem o suicídio como sintoma social cuja causa é a própria sociedade. No caso da análise quantitativa de Durkheim, o suicídio se explica pelo desequilíbrio da integração social. Para Marx, cuja tradução comentada pode ser lida também como uma descrição qualitativa de casos de suicídio, o fenômeno resulta de diferentes formas de opressão na sociedade capitalista, para além da opressão de classe constitutiva do materialismo histórico.

A causalidade social também aparece na célebre conferência “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903), de Simmel (2005), em que a expressão “vida do espírito” (*Geistesleben*) também pode ser traduzida como “vida mental”, conforme a tradução que figura na coletânea “O fenômeno urbano”, organizada por Otávio G. Velho ([1967] 1973). Além da questão urbana, o texto é uma importante reflexão no campo da sociologia das emoções, uma vez que Simmel argumenta que o indivíduo desenvolve o intelecto em vez da emoção para sobreviver aos estímulos nas grandes cidades. Simmel (2005, p. 577-578) também sustenta que a vida social na metrópole (excesso de estímulos e interações) causa “a intensificação da vida nervosa”. Vale notar que a ideia de intensificação da vida nervosa em tal contexto pode corresponder a uma forma de esgotamento psíquico, se observamos, por exemplo, a descrição biográfica do sofrimento mental que afastou Weber da carreira docente. Na edição preparada por Pierucci, lê-se que, em 1897, “Weber afunda em grave crise de

esgotamento nervoso” (Weber, 2004, p. 294). Para Simmel, o excesso de estímulos da metrópole tende a provocar o esgotamento das energias individuais, razão pela qual a “atitude *blasé*” emergiria como um mecanismo psicológico de autodefesa individual. A liberdade nas grandes cidades não implicaria, desse modo, bem-estar na vida psíquica e emocional dos indivíduos. Em síntese, as análises de Durkheim, Marx e Simmel convergem, não obstante suas diferenças irreduzíveis, na ideia sociológica de que os problemas psicológicos individuais são suscitados diretamente pela sociedade em que os indivíduos vivem.

Entre as abordagens clássicas, selecionamos também a de Marcel Mauss ([1921] 1969), que examinou a relação entre sociedade e emoções a partir de etnografias sobre rituais fúnebres e expressões emocionais do luto em povos originários australianos. Se, por um lado, é verdade que sua análise também enfatiza a dimensão social – afinal, como salienta Wright Mills (1969, p. 26, nota 2), assim como o sapateiro pensa que só existe o couro, o sociólogo se ocupa da sociedade –, por outro, sua abordagem se diferencia sutilmente dessa ideia sociológica fundamental segundo a qual a sociedade causa uma determinada emoção. A tese de Mauss é que a expressão do sentimento é uma linguagem relacionada a valores, regras e contextos sociais; para o autor, trata-se de uma linguagem simultaneamente obrigatória e voluntária, socialmente esperada e espontânea. Em outros termos, há expectativa social da expressão das emoções e dos sentimentos. O caso de o protagonista de *O estrangeiro*, de Albert Camus (2005), é emblemático: como se sabe, o personagem é condenado à pena capital por não ter chorado no enterro da mãe, o que significa dizer que o choro é uma linguagem esperada e obrigatória de expressão do sentimento de tristeza associado ao luto na nossa sociedade. Nesse sentido, para Mauss, não é a sociedade que causa uma determinada emoção; ela espera e obriga que se manifeste a emoção de certa forma conforme determinado acontecimento.

Podemos sintetizar as abordagens clássicas selecionadas neste estudo da seguinte forma. Enquanto análise social, todas elas enfatizam a dimensão social. No entanto, na maior parte das análises elencadas (Durkheim, Marx-Peuchet e Simmel), a sociedade causa a emoção e o sofrimento individual. Para Mauss, por outro lado, a sociedade demanda uma forma de expressão dos sentimentos e do sofrimento, o que diverge sutilmente da ideia de que a sociedade é a causa direta por excelência. Tal diferença pode acabar por provocar uma clivagem fundamental nas abordagens contemporâneas sobre a saúde mental.

2. A SAÚDE MENTAL EM ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Da mesma maneira que analisamos parte de abordagens clássicas sobre a vida psíquica, não é nosso propósito abranger a totalidade da produção sociológica contemporânea sobre saúde mental, o que não seria possível também em virtude do excesso de análises que examinam direta ou indiretamente o tema. Para poder apresentar o problema da causalidade social do sofrimento psíquico em abordagens sociológicas contemporâneas, tomamos como base a classificação genérica proposta por Alain Ehrenberg, que é uma referência importante no campo da sociologia da saúde mental desde, ao menos, a publicação de seu estudo clássico sobre a depressão (*La fatigue d'être soi : dépression et société* [1998]). No ensaio “A sociedade da saúde mental”, cuja tradução publicamos recentemente, Ehrenberg ([2024] 2026) argumenta que há dois grandes blocos distintos de análise social da saúde mental, não obstante a diversidade analítica no interior desses dois grandes grupos. Basicamente, o autor divide as análises contemporâneas sobre a saúde mental em abordagens normativas e descritivas.

Segundo Ehrenberg, as abordagens normativas são predominantes em discussões sociológicas que examinam direta ou indiretamente a questão da saúde mental. De forma geral, tais abordagens argumentam que a sociedade capitalista contemporânea *causa* o mal-estar psíquico, em uma tradição ocidental que remonta também a Freud (2010), considerando a tese sociológica fundamental que se encontra em *O mal-estar na civilização*, título que influencia, inclusive, a denominação da obra em que Ehrenberg ([2010] 2012) examina minuciosa e criticamente as abordagens normativas sobre a saúde mental (*La société du malaise*, isto é, “A sociedade do mal-estar”). Considerando a definição genérica segundo a qual a sociedade causa o sofrimento, poderíamos dizer que a abordagem normativa figura igualmente de forma predominante nas abordagens clássicas que destacamos na seção anterior deste paper, as quais não são objeto de análise de Ehrenberg.

Entre as abordagens contemporâneas que apresentam, grosso modo, tal perspectiva, e que não são também objeto de análise de Ehrenberg, podemos mencionar desde o clássico *A imaginação sociológica*. Nesta obra, Wright Mills (1969) sustenta o argumento sociológico básico segundo o qual, se uma perturbação acomete parte significativa dos indivíduos de uma sociedade, o problema não é individual, mas social. A saúde mental aparece já como problema social, ainda que a linguagem contemporânea da saúde mental não estivesse ainda

em voga no contexto da publicação de Mills. Procedendo dessa forma, o sociólogo estadunidense apresenta uma crítica explícita à perspectiva psiquiátrica e psicanalítica que reduz a perturbação mental a problema individual: “Muitas das grandes questões públicas, bem como muitos problemas privados, são descritos em termos de ‘psiquiatria’ – frequentemente numa tentativa patética de evitar grandes questões e problemas da sociedade moderna” (Mills, 1969, p.19). Em reação à psicanálise, segundo a qual forças obscuras estariam nos próprios indivíduos, o sociólogo argumenta que o principal perigo provém das “forças desregradas da própria sociedade contemporânea, com seus métodos de produção alienantes, suas técnicas envolveres de domínio político, sua anarquia internacional” (Mills, 1969, p. 19).

Também não constituindo objeto de análise de Ehrenberg (2012), podemos relacionar outros tantos estudos sociais, clínicos e filosóficos que se desenvolvem nessa direção, não obstante a diversidade das investigações em questão. Nos anos 1950 e 1960, destacam-se as análises de Fanon (2020) a respeito da relação entre colonialismo e psiquismo. Nos anos 1960-1970, sobressaem diferentes perspectivas antipsiquiátricas, para as quais, em linhas gerais, a patologia mental decorre dos processos de alienação social; tal ideia está presente de diferentes formas em Basaglia (1985), Laing (1978), Cooper (1973), Szasz (1979), Foucault (2003), Goffman (2007), Deleuze e Guattari (2010), entre outros. Mais contemporaneamente, podemos mencionar ainda o argumento de Byung-Chul Han (2017) de que a sociedade do desempenho provoca o esgotamento psíquico (depressão, ansiedade, síndrome de *burnout*), bem como a constituição do neossujeito do neoliberalismo com seus processos de subjetivação e seus diagnósticos clínicos em Dardot e Laval ([2009] 2016).

Já constituindo, em parte, o objeto de exame crítico realizado por Ehrenberg (2012), destacam-se a psicodinâmica do trabalho de Christophe Dejours (1998) e a sociologia do trabalho de Danièle Linhart (2008; 2009), os quais estabelecem relação entre trabalho e adoecimento na sociedade contemporânea; a perspectiva da patologia social de Axel Honneth (2003) e da teoria crítica; a sociologia clínica de Vicent Gaulejac, em que o capitalismo é analisado como sistema adoecedor (Gaulejac; Hanique, 2024); e, ainda, a própria noção de sofrimento social na França, a qual remete a nomes clássicos da sociologia contemporânea, como Pierre Bourdieu (2008) e Robert Castel (2010a). A respeito destes últimos, sublinhe-se que, em resposta à resenha crítica de Robert Castel (2010) sobre o livro de Ehrenberg, o autor de *La société du malaise* afirma que sua análise se apresenta como “uma sociologia alternativa à de P. Bourdieu e R. Castel, livre do pessimismo hipercrítico” (Ehrenberg, 2010, s.p.). Vale notar que, em sua obra mais recente dedicada à descrição da

relação entre os conceitos científicos das neurociências cognitivas e as representações sociais na sociedade da autonomia, Ehrenberg (2021, pp. 14-5) persegue o propósito de ultrapassar o debate político representado por “correntes críticas das ciências sociais e da filosofia que se inspiram no pensamento de Michel Foucault e Pierre Bourdieu” e concebem as neurociências como instrumentos de controle social e de dominação biopolítica a serviço do neoliberalismo.

No Brasil, podemos dizer que a abordagem normativa segundo a qual a sociedade causa o sofrimento psíquico é também a forma como o debate aparece em boa parte na mídia e nas análises sociais a respeito da saúde mental (Vladimir Safatle, 2012, 2021; Christian Dunker, 2021; Maria Rita Kehl, 2009; entre outros). É também nesta perspectiva que se assenta a minha própria pesquisa de pós-doutorado evocada no início deste paper sob a supervisão de Ehrenberg, na qual o conceito de precariedade subjetiva é analisado e desenvolvido como princípio explicativo do mal-estar psíquico na sociedade contemporânea (Corbanezi, 2024).

Não obstante a hegemonia deste discurso, bem como sua heterogeneidade e diversidade analítica intrínseca, a abordagem descritiva proposta por Ehrenberg procura se opor a ela, reivindicando para si uma distância em relação à ideia fundamental de que a sociedade capitalista contemporânea causa o sofrimento psíquico. Neste sentido, é um contrassenso que o autor seja mobilizado, muitas vezes, para sustentar o argumento de que o neoliberalismo causa o mal-estar psíquico (Corbanezi, 2026). Ainda que o argumento perpassasse *La société du malaise*, destaquemos uma nota de rodapé em que o autor é explícito a esse respeito ao criticar a perspectiva da patologia social de Axel Honneth, a qual se inscreve na abordagem normativa dominante:

Honneth faz muito amavelmente referência aos meus trabalhos e eu lhe devo a tradução em alemão de meu livro sobre a depressão, para a qual ele me honrou com um prefácio. [No entanto,] há um mal-entendido provavelmente devido às formulações precipitadas de minha parte, que é sobre o seguinte ponto: para mim, os sintomas não são causados pela sociedade, enquanto Honneth pensa o inverso (Ehrenberg, 2012, p. 481-2, nota 78).

Em termos gerais, a abordagem normativa sustenta sua análise, segundo Ehrenberg, na ideia de que a sociedade capitalista contemporânea se caracteriza pelo aumento exacerbado do individualismo e pela diluição dos laços sociais. Os conceitos de neoliberalismo, precarização, sofrimento social, desinstitucionalização e psicologização e privatização das relações sociais seriam mobilizados nessas análises para evidenciar a crise de solidariedade coletiva que provoca também o sofrimento psíquico. Em razão da equação

segundo a qual o aumento de individualismo equivale ao declínio da sociedade (laços sociais), o autor designa tais abordagens também sob o rótulo de “declinologia”. É o caso, segundo Ehrenberg (2026, p. 2), da crítica veiculada sob a rubrica de patologia social, a qual mobiliza as questões de saúde mental e de sofrimento psíquico para criticar a sociedade contemporânea:

O debate sociológico, mas também político, é sobre as relações entre a preocupação generalizada com a saúde mental e as transformações das normas sociais, em outros termos, sobre as significações sociais desses sofrimentos, sobre a natureza da sociedade na qual eles se desenvolvem. Pois as questões de saúde mental e de sofrimento psíquico são empregadas, desde os anos 1970, para formular uma crítica da sociedade: fala-se de declínio do laço social, de fragilização dos laços sociais, de crise da solidariedade coletiva, de precarização da existência, de privatização da vida. Esse debate se apresenta sob o rótulo da patologia social.

A essa abordagem normativa, também chamada pelo autor de “sociologia individualista”, Ehrenberg (2012, 2026) propõe sua análise descritiva, a qual se apresenta ainda como uma “sociologia do individualismo”. Vale observar que a sociologia da saúde mental de Alain Ehrenberg está interessada especialmente nas transformações do individualismo contemporâneo desde a publicação de *Le culte de la performance* [1991]. Nesta sua “sociologia do individualismo”, em que se procura descrever as transformações do individualismo, em vez de concebê-lo como declínio da sociedade, trata-se de entender o individualismo como processo social moderno, no interior do qual o indivíduo é, antes de tudo, social. Nesse sentido, Ehrenberg (2012) mobiliza tanto Durkheim quanto Louis Dumont para sustentar que a atribuição de prioridade ao indivíduo nas sociedades ocidentais modernas e contemporâneas não significa desaparecimento da sociedade e da interdependência. Observe-se que Ehrenberg não nega, dessa forma, o mal-estar intrínseco ao individualismo: conforme Pierre-Henri Castel (2012, p. 134), o que está em jogo na disputa é a “gramática da expressão” do mal-estar moderno e contemporâneo. Nesta sua sociologia do individualismo, a sociedade individualista contemporânea é apreendida como uma configuração histórica de sociedade no interior da qual há formas específicas de sofrimento psíquico, como ocorre em outras configurações sociais. Dessa maneira, Ehrenberg (2012, p. 419) critica as abordagens normativas que dão a entender “que as sociedades tradicionais seriam paraísos psicológicos”. Segundo o autor, o individualismo não seria uma exceção, mas uma forma particular de humanidade, na qual não há o fim do social e da obrigação social, mas sua transformação. Se as sociedades disciplinares se baseavam no princípio normativo da obediência ao outro, as sociedades da autonomia são orientadas pelo princípio normativo

da ação individual. Em outros termos, trata-se de uma reorganização normativa em que a passividade disciplinar é substituída ou subsumida à atividade autônoma.

No fim das contas, a proposta da análise descritiva dessa sociologia do individualismo de Ehrenberg é que os problemas de saúde mental não resultam diretamente da forma de sociedade em que vivemos, no interior da qual o autor reconhece a existência do mal-estar. Mais do que agravação do sofrimento psíquico em razão da forma de organização social, Ehrenberg argumenta que a saúde mental se tornou uma linguagem a partir da qual os indivíduos manifestam suas relações sociais, os conflitos, as justiça e injustiças, o bem-estar e o mal-estar. Baseado na análise de Marcel Mauss (1969), Ehrenberg (2012; 2026) entende que a ascensão social da saúde mental nos últimos cinquenta anos acabou por instituir um vocabulário próprio que se tornou obrigatório para expressar nossa condição em sociedade. A ideia fundamental é que se espera, atualmente, que o mal-estar nas sociedades individualistas seja enunciado e manifestado por meio da linguagem própria da saúde mental, em que o sucesso se traduz na linguagem do bem-estar e o fracasso, na linguagem do sofrimento psíquico. É diferente de dizer que a sociedade *causa* o sofrimento psíquico. Como Ehrenberg (2012, p. 17, 411) sustenta, um dos propósitos fundamentais de *La société du malaise* consiste em dissipar a ideia de que a alta incidência de sofrimento psíquico revela que não vivemos em uma “verdadeira sociedade”, tanto quanto em ultrapassar a noção de que a sociedade causa o sofrimento. Eis a hipótese fundamental da obra:

A hipótese é então que a saúde mental se tornou *a* linguagem contemporânea, a *forma de expressão obrigatória* não apenas do mal-estar e do bem-estar, mas também de conflitos, de tensões ou de dilemas de uma vida social organizada em referência à autonomia, que prescreve maneiras de dizer e de fazer aos indivíduos [grifo do autor e nosso, respectivamente] (Ehrenberg, 2012, p. 19).

Observe-se que o autor destaca o artigo definido “a” linguagem, o que significa dizer, a nosso ver, que, mais do que simplesmente “uma” linguagem, o vocabulário da saúde mental se tornou “a” linguagem predominante nas nossas sociedades contemporâneas baseadas no princípio normativo da autonomia. Nós, por nossa vez, grifamos na citação acima a locução que enuncia a tese do ensaio de Mauss sobre as emoções: para Ehrenberg, tal linguagem constitui uma forma de expressão obrigatória. Conforme a análise de Pierre-Henri Castel, essa ideia já estava patente desde o estudo clássico de Ehrenberg sobre a depressão em 1998. Em vez de se creditar a Ehrenberg o talento em descrever o aumento das depressões em razão da sociedade da autonomia em que vivemos, tal como se convencionou ler *La fatigue d'être soi : dépression et société*, o sociólogo já evocava ali a ideia de que a depressão teria se

tornado, em nossa sociedade, um caso de “expressão obrigatória das emoções” para poder interpelar o outro e comunicar-lhe o sofrimento. Eis o que se infere do estudo de Ehrenberg, segundo o psicanalista e pesquisador francês:

Portanto, [segundo o estudo de Ehrenberg,] não há mais depressões ou traumas do que antigamente. [...] Em vez disso, a depressão se tornou um ‘idioma de desespero’ imperativo para quem quer interpelar eficazmente o outro e obter a sua ajuda – tal como antes de 1914 se invocava a neurastenia ou a melancolia na Renascença. A caracterização e a história destes idiomas são fundamentais. [...] A depressão, para citar Mauss, é assim um caso de “expressão obrigatória das emoções” (Castel, 2012, p. 131-132).

Não está em questão neste nosso trabalho valorar as diferentes análises em disputa. Em vez disso, queremos evidenciar como as abordagens clássicas podem, direta ou indiretamente, influenciar as contemporâneas e produzir clivagens no debate atual, com implicações não apenas teóricas, mas também epistemológicas e políticas, uma vez que estão em jogo formas de explicar e interpretar a realidade, bem como diferentes perspectivas em torno da mudança social. Por um lado, o discurso hegemônico sobre a análise social da questão da saúde mental na atualidade parece refletir o predomínio das perspectivas sociológicas clássicas sobre o mal-estar da vida mental, não obstante a imensa variedade e diferença analítica tanto das abordagens clássicas quanto das contemporâneas. Por outro, a reivindicação de distinção da sociologia da saúde mental de Ehrenberg se situa na esteira da análise de Marcel Mauss, segundo a qual não há uma relação causal direta, ainda que haja o predomínio da dimensão social. Para tanto, vale anotar ainda que Ehrenberg (2012) se baseia igualmente nas noções de “jogos de linguagem”, de Wittgenstein, e de “representações coletivas”, de Durkheim.

Em suma, para Ehrenberg (2012, pp. 17-8), “[...] a ideia de que a sociedade faz sofrer é uma ideia social e, por conseguinte, um objeto para a sociologia”. É desse objeto que o autor se ocupa criticamente, mostrando as clivagens no debate contemporâneo que aborda direta e indiretamente as questões de saúde mental e de sofrimento psíquico. À abordagem normativa (Dejours, Linhart, Honneth, Gaulejac, R. Castel, Laval, Furtos, entre outros), Ehrenberg (2012) opõe a sua abordagem descritiva, que se baseia nas análises sociais contemporâneas de Esping-Andersen, Jacques Donzelot, Pierre-Henri Castel, entre outras pesquisas específicas mobilizadas no estudo. Conforme sublinha o autor, a opção epistemológica implica diferenças não apenas teóricas, mas também políticas e morais para a análise sociológica (Ehrenberg, 2012, p. 360). No estudo em questão, não está em jogo apenas a relação entre saúde mental e sociedade, mas também as diferentes representações

coletivas que as sociedades francesa e norte-americana apresentam das noções de proteção social e de ação e oportunidade individual nas sociedades contemporâneas que se fundamentam na autonomia como norma social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste paper, que apresenta parte de nossa pesquisa em andamento e se baseia também na publicação Corbanezi (2026), procuramos analisar uma fração de estudos sociológicos clássicos que abordam a questão da vida mental no mundo moderno e de que forma o princípio da causalidade social do sofrimento mental pode reverberar em análises sociológicas contemporâneas.

Entre as abordagens clássicas, destacamos o predomínio da relação causal direta entre sociedade e sofrimento mental a partir das análises de Durkheim, Marx-Peuchet e Simmel. Tal predomínio se manifesta igualmente nas abordagens sociológicas contemporâneas sobre a saúde mental e o sofrimento psíquico, uma vez que prevalece, em boa parte dos estudos, o argumento segundo o qual a epidemia dos transtornos mentais na atualidade provém das exigências das sociedades capitalistas, às quais os indivíduos sofrem para se adaptar desde o mundo moderno até o contemporâneo, tema que, vale acrescentar, o estudo de Stiegler (2019) sobre a genealogia do neoliberalismo apresenta de forma notável.

Entre os clássicos, ainda que prevaleça sempre a dimensão social, a abordagem de Marcel Mauss afirma, de modo diverso, que a sociedade não causa de forma direta uma emoção, mas exige sua manifestação conforme valores, regras e contextos sociais. Assinalamos que tal análise clássica influencia especificamente a sociologia atual da saúde mental de Ehrenberg. Embora o autor reconheça o mal-estar intrínseco ao individualismo moderno e contemporâneo, seu argumento é que a saúde mental constitui atualmente uma linguagem cujos significados são socialmente partilhados e a partir da qual os indivíduos podem expressar de forma inteligível aspectos positivos e negativos da vida em sociedade.

Por um lado, o debate que apresentamos pode evidenciar as disputas em torno da explicação e da compreensão das questões de saúde mental e de sofrimento psíquico no subcampo da sociologia dedicado ao tema. Revela-se, assim, nessa área de estudo, o dissenso constitutivo da sociologia e da teoria social, ao mesmo tempo em que, a partir do tema da saúde mental, concorrem diferentes princípios teóricos, epistemológicos e políticos. Por

outro lado, a discussão sobre a questão da causalidade social das questões de saúde mental pode contribuir para a explicitação da complexidade do tema, de modo a também fazer notar o reducionismo sociológico que pode refletir epistemologicamente o reducionismo biológico da psiquiatria criticada pela sociologia da saúde mental.

REFERÊNCIAS

- ANGELL, M. (2011), “A epidemia de doença mental”. piaui, <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-epidemia-de-doenca-mental/>, consultado em 09/12/2024.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, APA. (1980), *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 3. ed. Washington, APA.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, APA. (2013), *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 5. ed. Washington, APA.
- BASAGLIA, F. (1985), *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- BOURDIEU, P. (2008), *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- CAMUS, A. (2005), *L'Étranger*. Paris: Gallimard (Collection Folio plus classiques).
- CAPONI, S. (2010), “O diagnóstico de depressão, a ‘petite biologie’ e os modos de subjetivação”. In: CAPONI, S. et al. (orgs.). *Medicalização da vida: ética, saúde pública e indústria farmacêutica*. Palhoça, Ed. Unisul, pp. 135-143.
- CASTEL, P-H. (2012), “Lire Alain Ehrenberg: une tâche impossible?”. *La Revue Lacanienne*. Éditions Ères, 13: 129-134.
- CASTEL, R. (2010), “L'autonomie, aspiration ou condition?”, <https://laviedesidees.fr/L-autonomie-aspiration-ou>, consultado em 28/11/2024.
- CASTEL, R. (2010a) *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro: Vozes.
- COOPER, D. (1973), *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo, Perspectiva.
- CORBANEZI, E. (2021), *Saúde mental, depressão e capitalismo*. São Paulo: Editora Unesp.
- CORBANEZI, E. (2023), “Saúde mental, pandemia, precariedades: subjetivações neoliberais”. *Sociedade e Estado*, Brasília, 2 (38): 1-22, maio-ago.
- CORBANEZI, E. (2024), Precariedades subjetivas: politizar a saúde mental na atualidade. *Caderno CRH*, 37, p. 1-16
- CORBANEZI, E. (2026), Sociedade e sofrimento psíquico: o discurso sociológico dominante e a sociologia da saúde mental de Alain Ehrenberg. *Tempo Social*, 38(1), p. 1-20.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (2010), *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34.
- DEJOURS, C. (1998), *Souffrances en France. La banalisation de l'injustice sociale*. Paris, Seuil.
- DUNKER, C. (2021), *Uma biografia da depressão*. São Paulo, Planeta.
- DURKHEIM, E. (2002), *O suicídio*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

- DARDOT, P. & LAVAL, C. (2016), *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo.
- EHRENBURG, A. ([1991] 2011), *Le culte de la performance*. Paris, Fayard/Pluriel.
- EHRENBURG, A. ([1995] 2003), *L'individu incertain*. Paris, Hachette/Pluriel.
- EHRENBURG, A. ([1998] 2000), *La fatigue d'être soi: dépression et société*. Paris, Éditions Odile Jacob.
- EHRENBURG, A. (2010), “Société du malaise ou malaise dans la société?”, <https://laviedesidees.fr/Societe-du-malaise-ou-malaise-dans>, consultado em 28/11/2024.
- EHRENBURG, A. ([2010] 2012) *La société du malaise*. Paris, Odile Jacob.
- EHRENBURG, A. ([2018] 2021), *La mécanique des passions : cerveau, comportement, société*. Paris, Odile Jacob.
- EHRENBURG, A. ([2024] 2026). A sociedade da saúde mental. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 14, p. 1-13.
- FANON, F. (2020), *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo, Ubu.
- FOUCAULT, M. (2003), *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo, Perspectiva.
- FREUD, S. (2010), O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo, Companhia das Letras, pp. 13-122.
- GAULEJAC, V. & HANIQUE, F. (2024), *Capitalismo paradoxante: Um sistema adoecedor*. São Paulo, Hucitec
- GOFFMAN, E. (2007), *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva.
- HAN, B-C. (2017), *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, Vozes.
- HONNETH, A. (2003), *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo, Editora 34.
- HORWITZ, A. & WAKEFIELD, J. C. (2010), *A tristeza perdida: como a psiquiatria transformou a depressão em moda*. São Paulo, Summus.
- KEHL, M. R. (2009), *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo, Boitempo.
- LAING, R. (1978), *O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura*. Petrópolis, Vozes.
- LINHART, Danièle. Modernisation et précarisation de la vie au travail. *Papeles del CEIC*, [Espanha], n. 43, marzo 2009. Disponível em: <http://www.identidadcolectiva.es/pdf/43.pdf> Acesso em: 20 maio 2024.
» <http://www.identidadcolectiva.es/pdf/43.pdf>
- LINHART, Danièle. *Pourquoi travaillons-nous?: une approche sociologique de la subjectivité au travail*. Toulouse: Érès, 2008.
- LÖWY, M. (2006), Um Marx insólito. In: MARX, K., Sobre o suicídio. São Paulo, Boitempo, p. 13-20.
- MARX, K. (2006), Sobre o suicídio. São Paulo, Boitempo.
- MAUSS, M. (1969), “L’expression obligatoire des sentiments”. In: Mauss, M. *Œuvres*, 3, Paris, Minuit, pp. 269-278.
- MILLS, W. C. ([1959] 1969), *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar.

SAFATLE, V. (2012), “Perto demais da redenção: depressão, flexibilidade e fim da ética do trabalho”. In: NOVAES, A. (org.). *Mutações: elogio à preguiça*. São Paulo, Edições Sesc SP, pp. 385-404.

SAFATLE, V. (2021), “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. In: SAFATLE, V.; SILVA JR., N.; DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica.

SIMMEL, G. (2005), As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, Rio de Janeiro 2 (11), out. 2005, p. 577-591.

STIEGLER, Barbara. Il faut s’adapter : sur un nouvel impératif politique. Paris: Gallimard, 2019.

STOCZKOWSKI, W. (2019), *La science sociale comme vision du monde*. Paris: Gallimard.

SZASZ, T. (1979), *O mito da doença mental*. Rio de Janeiro, Zahar.

VELHO, O. G. ([1967] 1973) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

WEBER. M. (2004), *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

WHITAKER, R. (2017), *Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) (*Bolsa de Produtividade em Pesquisa – Nível C*).

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR: O autor é integralmente responsável por todas as etapas da pesquisa e pela redação do artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: O autor declara que não há conflito de interesses a mencionar.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA: Neste trabalho, o autor declara que não houve uso de IA nas etapas de pesquisa e de redação.

MINIBIOGRAFIAS DO AUTOR DO PAPER: Doutor em Sociologia pela Unicamp. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pesquisador associado do Cermes3/CNRS, Paris, França. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível C.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.